



EXISTENCIALISMO E MARXISMO NA OBRA DE PAULO FREIRE: “Pedagogia do Oprimido” em análise

Klívya de Cássia Silva Nunes¹

Luiz Bezerra Neto²

Valéria Moreira Rezende³

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise da obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire e sua relação com as correntes existencialista e marxista. Para tanto, destaca-se o percurso das principais ideias de Freire sustentadas pelo existencialismo cristão, bem como suas contribuições para uma pedagogia libertadora com base na formação política, ética e humana. Freire deixou um legado para todos os educadores no livro que é atual, pois ainda vivemos sob opressão, principalmente em tempos pandêmicos com a falta de políticas sérias para todos os setores, em especial para a saúde e a educação. Deste modo, o artigo foi dividido em duas partes, sendo que a primeira expõe as concepções teóricas sobre o existencialismo e o marxismo e a segunda parte demonstra o caminho do pensamento de Freire frente a estas duas correntes. Desta explanação surge a questão norteadora do presente estudo: Qual a matriz teórica que sustenta a obra da *Pedagogia do Oprimido* e qual a relevância do marxismo nesta obra? Para responder a esta pergunta, procuramos sustentar nossas análises no estudo bibliográfico, tendo como principais interlocutores Lukács (1979), Schaff (1965), Freire (2005) e Saviani (2013). Ressalta-se que este trabalho é um ensaio teórico que tem como preocupação trazer para o centro da discussão os elementos principais da obra freireana, com o objetivo de facilitar a compreensão do percurso de seu pensamento, cuja genialidade é reconhecida mundialmente. Sua obra é considerada um clássico para quem se propõe a estudar a formação humana.

Palavras-chave: Existencialismo e Marxismo. *Pedagogia do Oprimido*. Consciência Humana.

¹ Doutora em Educação pela UFSCar. Professora da Universidade Federal de Uberlândia - Minas Gerais – Brasil. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-5264-9598>. E-mail: klivia.nunes@ufu.br

² Pós-doutor pela UFBA. Professor Titular da Universidade de São Carlos – São Paulo – Brasil. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-6388-3467>. E-mail: lbezerra.ufscar@gmail.com

³ Doutora em Educação pela PUC-SP. Professora da Universidade Federal de Uberlândia - Minas Gerais – Brasil. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2686-956X>. E-mail: valeria.rezende@ufu.br



EXISTENTIALISM AND MARXISM IN ONE OF PAULO FREIRE'S WORK: "Pedagogy of the Oppressed" under analysis

ABSTRACT

This article presents an analysis of Paulo Freire's Work - Pedagogy of the Oppressed and its relationship with existentialist and Marxist currents. In order to achieve this goal, the trajectory of Freire's main ideas supported by Christian existentialism is highlighted, as well as his contributions to a liberating pedagogy based on political, ethical and human formation. Freire left a legacy for all educators in this book, as it is still current because we live under oppression, especially in pandemic times with a lack of serious policies for all sectors, mainly for health and education. Thus, the article was divided into two parts. The first one exposes the theoretical conceptions about existentialism and Marxism and the second part demonstrates the path of Freire's thought facing these two currents. Within this context, the guiding question of the present study is: What is the theoretical matrix that supports the role of Pedagogy of the Oppressed and what is the relevance of Marxism in this work? In order to answer this question we tried to support our analyzes by means of a bibliographic study, having as main interlocutors: Lukács (1979), Schaff (1965), Freire (2005) and Saviani (2013). It is worth stating that this work is a theoretical essay whose concern is to bring to the center of the discussion the main elements of Freire's work to facilitate the understanding of the course of his thought, whose geniality is recognized worldwide. His work is considered a classic for those who intend to study human formation.

Keywords: Existentialism and Marxism. Pedagogy of the Oppressed. Human Consciousness.

EXISTENCIALISMO Y MARXISMO EN LA OBRA DE PAULO FREIRE: "Pedagogía del Oprimido" en análisis

RESUMEN

Este artículo presenta un análisis de la Obra de Paulo Freire - Pedagogía del Oprimido y su relación con las corrientes existencialistas y marxistas. Para ello, se destaca la trayectoria de las principales ideas de Freire sustentadas en el existencialismo cristiano, así como sus aportes a una pedagogía liberadora basada en la formación política, ética y humana. Freire dejó un legado para todos los educadores en el libro que está vigente, pues todavía vivimos bajo opresión, sobre todo en tiempos de pandemia, con la falta de políticas serias para todos los sectores, especialmente para la salud y la educación. Así, el artículo se dividió en dos partes, la primera expone las concepciones teóricas sobre el existencialismo y el marxismo y, en la segunda parte, demuestra el camino del pensamiento de Freire frente a estas dos corrientes. De esta explicación surge la pregunta orientadora del presente estudio: ¿Cuál es la matriz teórica que sustenta la obra de Pedagogía del Oprimido y cuál es la relevancia del marxismo en esta obra? Para responder a esta pregunta, tratamos de apoyar nuestros análisis en el estudio bibliográfico, teniendo como principales interlocutores: Lukács (1979), Schaff (1965), Freire (2005) y Saviani (2013). Cabe señalar que esta obra es un ensayo teórico, cuya preocupación es



llevar al centro de la discusión los principales elementos de la obra de Freire, a fin de facilitar la comprensión del curso de su pensamiento, cuya genialidad es mundialmente reconocida. Su obra es considerada un clásico para quienes pretenden estudiar la formación humana.

Palabras clave: Existencialismo y Marxismo. Pedagogía del Oprimido. Conciencia Humana.

1 INTRODUÇÃO

Paulo Freire, sem dúvida nenhuma, foi um dos maiores nomes da educação brasileira, uma referência para todos que trabalham com a formação humana. Para este estudo pretende-se compreender um pouco mais da proposta filosófica que embasa o seu pensamento, especialmente na obra “Pedagogia do Oprimido”.

Freire afirmava categoricamente que o existencialismo foi a corrente filosófica que mais influenciou o seu pensamento. Contudo, tratava-se, segundo Paiva (1979), do existencialismo que se desenvolveu em conexão com o cristianismo pois, para ele, o existir ultrapassa o estar no mundo.

A Pedagogia do Oprimido foi publicada no ano de 1968, mas, antes desse período Freire já desenvolvia suas análises sobre o contexto social brasileiro e a América Latina, bem como as forças políticas que disputavam o poder nos anos de 1960, culminando no golpe civil-militar e seu consequente exílio. Esta obra é uma referência mundial, sendo uma das mais citadas no mundo, assim referenciada por Santana e Souza (2019, p.4):

O livro Pedagogia do Oprimido, de autoria de Paulo Freire, é uma referência mundial, sendo a terceira publicação mais citada em trabalhos da área de humanas (GREEN, 2016), com sua primeira versão concluída em 1968. É um texto sequencial na sua obra, a estar após as publicações como Educação e Atualidade Brasileira (FREIRE, 1959) e Educação como prática da liberdade (FREIRE, 1967). Algumas de suas bases conceituais foram discutidas, e reconstruídas, no livro Pedagogia da Esperança (FREIRE, 1992), a mostrar que o saber é inacabado em sua obra, tratado no livro Pedagogia da Autonomia (FREIRE, 1996a).

Destacamos, a seguir, os motivos que nos levaram a fazer este estudo, a partir das conexões entre existencialismo e marxismo na Pedagogia do Oprimido.



Sendo Paulo Freire um teórico de grande envergadura no Brasil e no mundo, e por ser a obra *Pedagogia do Oprimido* a que mais se destacou e influenciou as práticas teórico-metodológicas dos educadores brasileiros, instaura-se a inquietação sobre a dificuldade de nos situarmos em relação à base filosófica que fundamenta a sua obra. Outro motivo é o fato de que este teórico é um dos que mais influenciam as propostas curriculares para a educação popular. Tais inquietações impulsionaram a produção destas reflexões, no sentido de compreender melhor o pensamento freireano nestas perspectivas.

O presente estudo não tem a pretensão de esgotar a discussão sobre a análise do existencialismo e marxismo na obra de Freire, nos aspectos metodológico e histórico, tampouco filosófico, mas, polemizar quando curvamos a vara, conforme apontamento de Saviani (2013b, p. 58):

uma vara torta não basta colocá-la na posição correta, mas é preciso curvá-la do lado oposto. No embate ideológico também não basta enunciar a concepção correta para que os desvios sejam corrigidos; é necessário abalar as certezas e desautorizar o senso comum.

4

O viés marxista na obra de Paulo Freire vem apenas reforçar, e/ou sustentar, os aspectos teóricos tratados no corpo da obra na dialética entre o opressor e o oprimido e, mais do que isso, ele propõe ultrapassar posições fechadas e irracionais que dificultam o diálogo das diferentes epistemologias que sustentam as bases teóricas cristãs e marxistas (FREIRE, 2005). Os principais teóricos marxistas dos quais Freire lança mão para o diálogo são Marx e Engels, Lenin, Lukács, Althusser, Rosa Luxemburgo, Erich Fromm, Fidel Castro, Che Guevara, entre outros. E os principais teóricos que fazem parte da sua sustentação filosófica existencialista são Jaspers, Sartre e Álvaro Vieira Pinto.

É importante considerar que os existencialistas sempre fizeram questão de tomar posição em relação ao marxismo, aproximando-se, ou afastando-se dele (BRUNI, 1979, p. 7), tal como Sartre na obra de Paulo Freire. Nesse caso, essa aproximação se justifica como sustentação do seu pensamento.



Desta explanação surge a questão norteadora deste estudo: Qual a matriz teórica que sustenta a obra da Pedagogia do Oprimido e qual a relevância do marxismo nesta obra? Para responder a esta pergunta, tivemos como percurso metodológico o estudo bibliográfico, tendo como principais interlocutores os seguintes autores: Lukács (1979), Schaff (1965), Freire (2005) e Saviani (2013).

Este ensaio pretende trazer para o centro da discussão os elementos das correntes marxismo e existencialismo e sua influência na obra Pedagogia do Oprimido. Visa, também, dirimir quaisquer concepções que aproximem essas correntes uma da outra, haja vista a clara distinção entre elas, tanto nos aspectos epistemológicos como metodológicos.

2 EXISTENCIALISMO VERSUS MARXISMO

Para compreender estas duas matrizes filosóficas, faz-se necessário situá-las na raiz dos conceitos da filosofia. Para Adam Schaff (1965), as particularidades de diferentes conceitos de Filosofia têm na sua base uma longa tradição que influencia no próprio método de como concebem a ciência. Isso é importante para compreendermos como os fundamentos que embasam o método de cada corrente filosófica influenciam no ponto de partida e no ponto de chegada da percepção da realidade concreta:

Um dos lados afirmava que a Filosofia é a ciência das leis mais gerais que governam toda a realidade, ao passo que o outro via nela a contemplação da vida humana, no sentido de um comportamento adequado do indivíduo, em relação a si e aos outros, sem exigir jamais dessa contemplação os métodos altamente precisos da ciência [...]. Ambos retomam à velha Grécia – um deles à filosofia jônica, que se empenha em descobrir “a substância” do mundo e como de uma substância, todos os multiformes fenômenos da natureza e da vida humana podiam surgir; o outro prende-se à escola socrática, que colocava de lado tais questões e se concentrava nos problemas práticos e morais da existência humana. Juntamente com a divisão fundamental das Filosofias em materialistas e idealistas, é possível aplicar várias outras divisões. Não é historicamente exato que o materialismo estivesse sempre certo em tudo e o idealismo sempre errado. Isso se aplica particularmente aos problemas sem que as tradições jônicas e socráticas se chocam (SCHAFF, 1965, p. 12-13).



A principal diferença entre o existencialismo e o marxismo está na abordagem que sustenta as suas concepções filosóficas: enquanto o primeiro é existencialista, o segundo é materialista, constituindo formas contrárias de tratamento de um mesmo problema (SCHAFF, 1965; LUKÁCS, 1979). São duas correntes distintas, não cabendo complementos ou junção entre elas, como afirma Schaff (1965, p. 30). Para o autor, para ser marxista é necessário abrir mão das questões tratadas pelo existencialismo.

Neste artigo nossa proposta é evidenciar as diferenças entre as duas correntes, na construção teórica na qual cada uma está inscrita. Advertimos, também, sobre os possíveis erros teóricos cometidos na tentativa de combinação entre marxismo e existencialismo.

Ao descascar a cebola, em camadas sucessivas para a compreensão da realidade, partindo das mais simples para as mais delicadas, perceberemos que a “sociedade capitalista é necessariamente fetichizada, alienada e desumana. É então somente a atitude revolucionária, frente aos próprios fundamentos dessa sociedade, que pode dar uma clara visão do conjunto da realidade” (LUKÁCS, 1979, p. 79). Esse argumento sustenta a ideia de que somente uma concepção teórica materialista nos permitirá sair do estado de embriaguez em que o mundo fetichizado permanece submerso.

A filosofia existencialista teve sua origem logo após a II Guerra Mundial, época em que a Europa se encontrava num processo de destruição material e espiritual, o que acabou gerando desânimo, angústia, desespero na juventude. Schaff (1965, p. 16) sintetiza este acontecimento da seguinte forma:

Há uma ligação evidente entre a forma de raciocínio existencialista e as crises moral e política e choques sociais que ocorrem num período de ascensão de uma nova formação social e queda da antiga [...]. Isso ocorre quando há uma perda geral de confiança na estabilidade da ordem social, quando há conflitos na estabilidade da ordem social, quando os conflitos sociais provocam crises morais e políticas, e quando há necessidade de fazer escolhas em situação em que os critérios tradicionais já não existem. Isso, entre outras coisas, explica a atração que o existencialismo tem para a massa em muitos países europeus, desde a Segunda Guerra Mundial.



Penha (2014, p. 12) define o existencialismo como uma doutrina filosófica que centra sua reflexão sobre a existência humana. Já Urbano (1988, p. 14) diz que por existência entende-se, em geral, o modo de ser próprio do homem no mundo, sempre em uma situação determinada ou concreta. Assim, pode-se inferir que o existencialismo é uma corrente filosófica que pensa o homem concreto a partir de sua existência, situando-o frente às possibilidades, no seu cotidiano.

Não existe uma única filosofia existencialista, mas duas escolas existencialistas foram formadas e elas têm em comum a análise da existência humana, cujo método foi influenciado fortemente pela fenomenologia de Husserl. Estas duas escolas são o existencialismo cristão e o existencialismo ateu. Os principais filósofos do existencialismo cristão são Soren Kierkegaard (1813-1855), considerado o precursor do existencialismo, Karl Theodor Jaspers (1883-1969) e Gabriel Marcel (1889-1973), e os que melhor representam o existencialismo ateu são os seguintes filósofos: Martin Heidegger (1889-1976), Jean Paul Sartre (1905-1980) e Simone de Beauvoir (1908-1986).

O que tem em comum entre estas duas escolas é o fato de “considerarem que a existência precede a essência ou, se preferirem, que é preciso partir da subjetividade” (SARTRE, 2014, p. 23), o que significa que a subjetividade é a realidade, ou melhor, o homem primeiro existe, surge no mundo, depois se define. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, ou seja, nunca é o que é; o que será o que deseja ser, não é ainda (URBANO, 1988, p. 14).

O que une o existencialismo ateu ao religioso, além do que já foi exposto, está relacionado ao destino e à experiência do indivíduo, especialmente no que se refere “à concepção de indivíduo como isolado, solitário e trágico na luta insensata com as forças estranhas do mundo que o cerca” (SCHAFF, 1965, p. 25). Nesta estranha ligação, de um lado se observa um homem livre para tomar suas decisões; de outro aparece um homem



fragilizado na luta contra o seu destino. Nessa complexa relação do indivíduo com o mundo que o cerca se constitui o chamado subjetivismo.

Para o existencialismo cristão, cujo principal expoente é Kierkegaard, todo conhecimento deve ligar-se à existência, à subjetividade, nunca ao abstrato, pois não conseguimos perceber a singularidade, a subjetividade no abstrato, não temos como captar a manifestação subjetiva, pois a singularidade é vivida de modo individual, sendo esta a forma de atingir a verdade. Para Kierkegaard a experiência se fundamenta na dimensão existencial e religiosa, a relação do homem com a existência e com Deus (PENHA, 2014) e ainda para o autor, o homem é espírito, a síntese do finito e infinito. O finito é entendido como a experiência humana e esta é a singularidade a ser vivida. No infinito a experiência significa estar diante de Deus, isto é, diante do infinito. Para ele a religião não antecede e nem sucede à razão e os dogmas cristãos são princípios misteriosos da singularidade de nossa experiência subjetiva, é acreditar no absoluto e Deus é o absoluto (PENHA, 2014).

8

O existencialismo ateu tem como seu principal representante Jean Paul Sartre. Para ele, “a existência precede e comanda a essência [...]” (SARTRE, 2011, p. 541) e o homem não tem essência, nem determinação prévia, assim como não está determinado a ser alguma coisa, segundo padrões anteriores estabelecidos. É no decorrer do processo de existência que o homem há de constituir o seu ser, ou seja, a origem do homem é o próprio homem. Deste modo, não se pode falar de natureza humana sem entender aquele núcleo permanente que, segundo a tradição, constitui sua essência. Assim, não tem nada que o explique, não tem fundamentos, surge e desaparece gratuitamente, é responsável por si próprio, não possui raízes metafísicas nem naturais (SILVA, 2013).

O homem está condenado a ser livre porque “de fato, somos uma liberdade que escolhe, mas não escolhemos ser livres: estamos condenados à liberdade” (SARTRE, 2011, p. 565). Por isso, a única escolha que não podemos fazer é a de não ser livre. Neste sentido, a solidão e o desamparo exercem a liberdade que não implica em uma liberdade de escolha



individual pois a responsabilidade é a contrapartida da liberdade. Daí que não tem escusa, não existe Deus pois o homem é responsável por ele e pelo outro e a escolha é fruto individual e universal visto que, lançado ao mundo, ele é responsável por aquilo que faz. Liberdade é projetar-se, transcender-se, ir para fora de si, superar-se a si mesmo, ou seja, somos aquilo que projetamos ser.

Uma grande implicação que impacta na falta de compreensão da obra de Marx, a ponto de aproximar esta corrente ao existencialismo, diz respeito às numerosas interpretações conflitantes, especialmente quando ela é tomada como uma teoria essencialmente da sociedade burguesa, como esclarece Netto (1987, p. 21):

[...] os marxistas (e não só eles) encaram de maneira muito variada a obra de Marx. As interpretações são numerosas, às vezes conflitantes, às vezes complementares. Penso que uma abordagem válida (mas igualmente polêmica) é aquela que toma a obra marxiana como sendo, essencialmente, uma teoria da sociedade burguesa: um complexo sistemático de hipóteses verificáveis, extraídas de análise histórica concreta sobre a gênese, a constituição e o desenvolvimento da organização social que se estrutura quando o modo de produção capitalista se torna dominante.

9

A teoria de Marx toma a sociedade burguesa como uma totalidade, não um conjunto de partes que integram um todo nas suas contradições e relações. “É uma teoria que quer apanhar o movimento constitutivo do social – movimento que se expressa sob as formas econômicas, políticas, culturais, mas que extravasa todas elas” (NETTO, 1987, p. 30).

Marx nos dá a chave da compreensão dos mecanismos do modo de produção capitalista, através do método materialista histórico-dialético para apreensão da realidade histórica da humanidade e a forma de organização capitalista da sociedade e da economia burguesa. Por esta via, Marx chega à conclusão de que a “anatomia da sociedade burguesa deve ser procurada na Economia Política” (MARX, 2008, p. 47). No célebre prefácio do livro *Contribuições à crítica da economia política*, Marx apresenta um resumo da filosofia marxista, a partir da concepção materialista histórica e dialética que, resumidamente, consiste no entendimento de que na



produção social de sua existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade e em relações de produção que em seu conjunto constituem a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e a qual correspondem formas de consciência social determinada. Nesta perspectiva, não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, pelo contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência.

O fundamento básico da perspectiva marxista consiste no materialismo histórico que interpreta os acontecimentos históricos como fundantes em fatores econômico-social. Essa questão é primordial para a compreensão sobre a natureza humana que está constituída na sua relação com o trabalho e produção que os homens estabelecem entre si para a satisfação de suas necessidades (BARBOSA, 2008). Pode-se perceber que o materialismo não nega que a história é feita pelo homem, mas, pelo contrário, mostra os outros fatores que influenciam o pensamento do homem, na sua consciência social.

Neste sentido, “o materialismo se difere do idealismo porque compreende o pensamento humano não como fator principal, mas sim, secundário e derivado na história humana” (SCHAFF, 1965, p. 40). Aqui temos um ponto nodal das duas concepções, existencialista e marxista, pois Sartre não aceita que o sujeito seja reflexo das condições objetivas, reflexo da história, ou seja, o indivíduo é determinado pela história e ao mesmo tempo responsável pela história, pois o sujeito é uma singularidade que filtra as determinações gerais da história e desta liberdade e responsabilidade ele não pode abdicar (SILVA, 2013).

Considerando o pensamento marxiano, pode-se inferir que as bases filosóficas de Freire estão ancoradas no método dialético, na historicidade, na contradição e na perspectiva da revolução. Assim diz Lukács (1979) a respeito da compreensão da importância da História no materialismo histórico-dialético:

Para compreender a História, a análise marxista remonta aos fundamentos materiais da ação humana, à produção e à reprodução materiais da vida humana. Nela descobre as leis



históricas objetivas, mas não nega, no entanto, o papel da subjetividade na História. Apenas determina o lugar exato que lhe cabe na totalidade objetiva da evolução da natureza e da sociedade (LUKÁCS, 1979, p. 127).

Certamente esta questão nos leva a outra sobre o pensamento dialético que deve distinguir o essencial do aparente, da realidade aparente, apreendendo suas relações, ou seja, a relação da essência e existência, apreensão deste movimento real do objetivo que possibilita a análise concreta de situações concretas.

Porém, esta questão fica esvaziada de sentido quando Sartre nega a objetividade. Vejamos o que Lukács aborda a respeito:

É contra essa objetividade que se dirige a polêmica de Sartre. Ele nega, em primeiro lugar, e de pleno acordo com uma parte considerável de cientistas burgueses de nosso tempo, assim como com toda a filosofia reacionária moderna, a historicidade da natureza. Com respeito à história, só reconhece a da humanidade. Mas como esta seria possível, sem base objetiva, sem leis objetivas, sem tendências gerais objetivamente existentes? A essa questão, Sartre não tem resposta, nem poderia ter. Tanto mais que ao ocorrer, evocar – utilizando e simplificando certos resultados do marxismo – uma questão concreta, apressa-se em dar-lhe uma aparência subjetiva e irracionalista (LUKÁCS, 1979, p. 127).

Contrariando este pensamento, como já visto, Marx afirma que a essência humana não é uma abstração de cada indivíduo, mas um conjunto das relações sociais. Nesse sentido, deve-se abandonar a base existencialista, que é subjetiva, em contraposição ao marxismo, que é objetivo. Este é o ponto central do problema entre o marxismo e o existencialismo, que coloca a limitação desta teoria no que concerne ao naturalismo e subjetivismo, tal como Schaff (1965) esclarece:

O ser humano, como indivíduo, é um conjunto das relações sociais no sentido de sua origem e desenvolvimento que só podem ser compreendidos no contexto social e histórico, no sentido de ser ele o produto da vida social. Essa interpretação social, e, portanto, histórica da investigação da vida espiritual, do homem e sua obra é o conteúdo histórico indisputável e tremendamente importante do marxismo, que o liberta das limitações do naturalismo e do subjetivismo existencialista na análise das questões humanas (SCHAFF, 1965, p. 26).



Deste modo, devemos ter o cuidado para não cair nas contradições internas que envolvem o conceito do indivíduo, que divergem do ponto de partida e de chegada das do existencialismo e marxismo, ancoradas no problema da essência e da existência, o que equivale dizer para se ter o cuidado para não cair no ecletismo filosófico, visto que “Se abordarmos o problema do indivíduo de forma marxista, ou seja, histórica e socialmente, devemos abandonar as bases idealistas, subjetivistas do existencialismo” (SCHAFF, 1965, p. 28).

Esta concepção do indivíduo difere em cada uma destas correntes e não tem como combiná-las no pensamento teórico, pois as atitudes dos indivíduos são produtos sociais, pertencentes a uma realidade concreta para o marxismo. Já para o existencialismo, estas questões que envolvem o indivíduo são alheias ao social e à história do ser humano, justificando-se no existencialismo a existência como precedente da essência.

Por fim, fechamos o pensamento com uma atitude muito sábia de reconhecimento de Sartre sobre o marxismo, na qual ele diz que é uma filosofia insuperável de nossa época e só será superável quando as condições econômicas, históricas, sociais forem superadas (SARTRE, 2014). Isso equivale a dizer que não há como propor o casamento entre estas duas correntes e foi isso que Sartre acabou compreendendo, ou seja, que “não era possível reconciliar o irreconciliável” (SCHAFF, 1965, p. 44).

3 O EXISTENCIALISMO CRISTÃO E A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: UMA PROPOSTA CONTRA-HEGEMÔNICA

As pedagogias contra-hegemônicas vêm ao encontro dos interesses dos dominados e seria uma forma de se contrapor à supremacia do grupo hegemônico. Desse modo, Saviani (2008, p. 12) diz que as “teorias pedagógicas contra-hegemônicas buscam orientar a educação em vista à transformação da sociedade e se posiciona contra a ordem existente”.

A concepção pedagógica contra-hegemônica pode ser agrupada em duas modalidades: uma centrada no saber do povo, na autonomia de suas organizações, uma educação à margem da estrutura escolar ou que,



quando busca a estrutura escolar, procura transformá-la na expressão das ideias e autonomia popular; a outra concepção se pauta na centralidade da educação escolar, valorizando o acesso da classe trabalhadora ao conhecimento sistematizado (SAVIANI, 2008).

Assim, para as pedagogias contra-hegemônicas, a democratização do conhecimento deve estar articulada com os interesses da classe popular que favoreçam o diálogo entre alunos, professores, comunidade e todos que dela se beneficiam direta ou indiretamente. Nesta direção, insere-se a Pedagogia da Libertação de Freire, que tem como base a autonomia popular, via conscientização e compreensão do mundo, diante das condições de exploração a que era submetida a classe trabalhadora.

Freire problematiza o método de alfabetização criado por ele, que oportuniza a valorização do saber popular, postulando uma pedagogia humanizadora, com vistas à superação do estado das coisas. Isso implica na intencionalidade fundamental da conscientização do oprimido, sendo este o método máximo de generalização.

A amplitude de sua obra toma como base a sua luta pela via da humanização, cujo aporte teórico fundamenta-se na teoria do trânsito, que requer a transitividade da consciência ingênua para a consciência crítica. Esse movimento provoca a imersão do povo oprimido na vida política, sendo esta a base de todo o processo de formação do trabalho educativo e revolucionário.

Neste sentido, o livro Pedagogia do Oprimido, escrito em 1968, com suas edições e reedições no Brasil e no exterior, é sempre atual, fazendo parte da formação de vários educadores em diversos países.

Para Saviani (2013, p. 329) “O procedimento metodológico que orientou a construção da obra Pedagogia do Oprimido está em consonância com aquele adotado na organização de Educação como prática da liberdade”. O autor coloca ainda que Freire lança mão de pares antitéticos, como: opressor x oprimido; educação bancária x educação problematizadora; e antidialógica x dialógica, o que faz lembrar a proposta de Marcel no “jogo de trocadilho semântico”, quando este propõe



substituir “a ausência pela presença, a traição pela fidelidade, a negação pela fé, o desespero pela esperança” (URBANO, 1988, p. 9), como forma de superação da alienação.

O Existencialismo Cristão foi a filosofia que mais influenciou a obra de Paulo Freire e está presente em todo o seu percurso filosófico, considerado um dos maiores expoentes desta filosofia, referenciado por Freire foi Karl Jaspers, cujas citações são feitas na obra Razão e anti-razão do nosso tempo, traduzida por Vieira Pinto (PAIVA, 1979).

No entanto, alguns pesquisadores insistem em aproximar a filosofia de Freire com a de Marx, alegando que em seu percurso teórico ele passa de um idealismo cristão para o materialismo histórico-dialético, marca que traz na obra Pedagogia do Oprimido, que o aproxima ao pensamento de Marx e Engels, como também de outros marxistas, como Lukács, Goldman e Erich Fromm. Até aqui não existe nenhum problema em falar sobre a evolução teórica de Freire mas a obra a que estamos nos propondo examinar, Pedagogia do Oprimido, embora faça referência a autores marxistas, não se compromete com esta teoria, como explica Saviani (2013, p.331)

Quanto aos autores marxistas, eles são citados, inicialmente, apenas para reforçar aspectos da explanação levada a efeito por Freire, sem nenhum compromisso com a sua perspectiva teórica. Se algum conceito é apropriado, isso ocorre deslocando-o da concepção de origem e dissolvendo-o num outro referencial.

Ao tentar aproximar o existencialismo do marxismo em sua obra, Freire comete um ecletismo, pois é impossível combinar num mesmo sistema coerente de pensamento duas correntes tão distintas. Schaff (1965) adverte que não é possível pagar tributos, simultaneamente às afirmações do existencialismo e do marxismo sobre os problemas filosóficos em geral, e os problemas do indivíduo em particular, sem cair no ecletismo e na tolerância de contradições. Só temos que concordar com o autor de que não se pode solucionar problemas teóricos autênticos com a simples negação de sua existência porque devemos, sim, mostrar as contradições entre estes problemas teóricos para não cairmos na incoerência.



Como ponto inicial, trataremos de fazer uma breve contextualização sobre Jaspers, já que este teórico é um existencialista cristão. A reflexão de Jaspers sobre o homem, e sua relação com o mundo, tem como base a comunicação entre os homens, compreendendo o sentido da própria existência. O mundo de cada ser humano é singular, subjetivo, embora os homens colaborem para uma compreensão objetiva deste mundo que os rodeia. Ele se preocupa com a forma deficiente de comunicação com o outro e a sua superação, tal como relata Paiva (1979, p.50):

Como os demais existencialistas cristãos, Jaspers enfatiza a necessidade de superar as “formas imeritórias do existir” através do amor que permite o diálogo que possibilita a comunicação existencial. Somente ele seria capaz de fazer com que o homem se voltasse para o outro homem, buscando despertá-lo para o existir autêntico. O verdadeiro contacto interpessoal permitiria “sacudir as consciências, retirá-las do seu sono indiferente, conturbar a paz da superfície, denunciar o compromisso consigo mesmo, lembrar o homem a sua condição, ampliar a consciência de seu próprio poder ser”. Neste movimento amoroso, próprio do diálogo, estaria implícita a tendência para a confissão, para a irrupção do verdadeiro.

Tais reflexões de Jaspers têm suas marcas nas preocupações de Freire no ato pedagógico e na relação do homem com o mundo, ou seja, nas relações interpessoais, como é demonstrado neste trecho de sua obra: “Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens, na criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (FREIRE, 2005, p. 213).

Mas, como estão postas as categorias que consideramos importantes neste trabalho: humanismo, liberdade e dialogicidade? No capítulo 1 – Justificativa, Freire (2005) expõe o problema central do homem saber pouco de si, que o leva ao problema da humanização e que implica em conhecer a desumanização. Para Freire (2005, p. 7), estas raízes estão na inconclusão do próprio homem:

Ambas as raízes de sua inconclusão os inscrevem num permanente movimento de busca. Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto e objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão.



Nesta questão estão postos o opressor e o oprimido; o opressor faz com que o oprimido seja menos, retirando do oprimido a possibilidade de ser mais e ser para si. Freire também se empenha em explicar a questão da liberdade, ao dizer que:

A liberdade, por si, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se (FREIRE, 2005, p. 38).

A liberdade aqui postulada leva a crer “na possibilidade de escolha entre diferentes atos na mesma situação [...]. Por este motivo, ela se harmoniza com o significado comum da palavra - liberdade de sujeição” (SHAFF, 1965, p. 69). Por outro lado, pode-se inferir que o pensamento sobre a liberdade posta na obra *Pedagogia do Oprimido* tem como bojo a ideia da resistência levando à libertação.

Em sua obra, Freire trabalha sobre ser menos, ser mais, ser com os outros, para-si, alicerçado na teoria de Hegel quando trata da consciência, bem como ao trazer para a discussão a teoria existencialista de Marcel, Jaspers, entre outros. Assim, podemos dizer que Freire tematiza a relação do opressor e do oprimido com o “vínculo da existência com o ser”, ao tratar de uma realidade concreta de uma determinada sociedade na qual um é a classe opressora e o outro é a classe oprimida, sendo que o oprimido luta por sua libertação e uma das grandes tarefas humanistas e históricas dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores; porém, deve reconhecer o limite que o opressor lhe impõe (FREIRE, 2005, p. 32, 33, 39 e 54), marca de uma relação intersubjetiva.

Freire trata a consciência com base em Hegel, mas tem seus postulados no existencialismo, como posto acima. Nesse sentido, vale a pena ver como Sartre explica a consciência, partindo da consciência do homem, um ser que está no mundo: o ser-em-si e o ser-para-si.



Para Sartre (2011, p. 38), o ser-em-si é opaco, se apresenta no mundo, aquilo que se encontra fora do sujeito e existe no mundo independente de qualquer coisa, pois o ser é o que é. É na negação que encontramos o para-si, o nada fundamenta a negação, o que indica movimento. A consciência não está contida no mundo das coisas, ela está no mundo, se defronta com o mundo e faz o em-si se desvelar, o para-si deseja ser. É o nada, afirma Sartre (2014, p. 76) que fundamenta o juízo negativo, é o para-si, a consciência; o homem, enfim, traz o nada ao mundo, que o revela. Quando se pergunta o que uma coisa é, implicitamente sugiro que ela não é muitas outras coisas. “O ser para-si encerra completamente um ser-para-outro. Qualquer que seja minha conduta, sempre posso fazer convergir dois pontos de vista: o meu e do outro” (SARTRE, 2011, p. 104).

Freire (2005, p. 81), no livro *Pedagogia do Oprimido*, ao citar Sartre sobre a consciência e o mundo, aborda que elas se “dão ao mesmo tempo: exterior por essência à consciência, o mundo é, por essência, relativo a ela”. Para Freire, não há eu que se constitua sem um não-eu. Por sua vez, o não-eu constituinte da consciência se torna mundo da consciência, um percebido objetivo seu, ao qual se intenciona. Daí a afirmação de Sartre, anteriormente citada: “consciência e mundo se dão ao mesmo tempo”. Deste modo, esta afirmação implica dizer que contradiz a base materialista histórica e dialética pois para esta abordagem o conhecimento é objetivo, ou seja, consciência objetiva da realidade, sem conhecer a realidade objetiva, é impossível conhecê-la, não podendo existir o ser sem a consciência.

Nessa passagem ele aborda a consciência, a partir de Sartre, traz a essência do seu existencialismo cristão, e apresenta o conceito da educação dialógica, o qual demonstra o diálogo como uma forma de se pronunciar no mundo. Para Freire (2005, p. 93) “a fé nos homens é um dado a priori do diálogo; ele se faz com confiança, amorosidade e humildade, não comporta desesperança, fora dessa dialogicidade, o que resta é a má fé”.



Nesse contexto, inferimos que não pode existir a consciência sem o ser, que não passa de uma concepção idealista, pois o conhecimento é objetivo – a consciência da realidade existe objetivamente e aqui se demonstra a oposição entre os existencialismos e os marxismos, inclusive o problema da essência e da existência. Assim, Lenin definiu com precisão a atitude que deve ter o partidário do materialismo dialético face à realidade objetiva, que existe independente da consciência (LUKÁCS, 1979, p. 236). Assim, Marx toma o concreto como ponto de partida e de chegada, no movimento dialético, pois o concreto no pensamento se apresenta “como uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas” (MARX, 2003, p. 247).

A questão central aqui tratada é o indivíduo, isto é, o tema do humanismo, mas ao se referir a esta questão, precisamos considerar a base da diferença entre o marxismo e o existencialismo. Para Schaff (1965, p. 40), o materialismo difere do idealismo porque compreende o pensamento humano não como um fator principal, mas sim secundário, e derivado, na história humana.

Nesta mesma esteira de pensamento, Saviani (2013) faz uma importante análise:

Eis que já nas primeiras páginas do primeiro capítulo, quando está caracterizada a relação opressor-oprimido com base na dialética do senhor e do escravo, de Hegel, Freire estabelece a condição para que o opressor possa solidarizar-se verdadeiramente com os oprimidos [...]. Mas em Paulo Freire o solidarismo assume as conotações próprias do radicalismo católico que desembocou na corrente denominada “teologia da libertação”. Poderíamos mesmo considerar que a pedagogia libertadora de Freire é o correlato, em educação, da “teologia da libertação” (SAVIANI, 2013, p. 332-333).

Mais uma vez encontramos na obra de Freire uma grande contradição ao usar o marxismo ao longo da obra para dialogar com outras teorias tão diferentes como a dele, o que implica no ecletismo científico. Esta análise de Saviani (2013) é clara quando se trata da dialética da qual Freire lança mão para explicar a relação entre o opressor e o oprimido. Primeiramente ele desconsidera as lutas de classes vinculadas em determinada sociedade, que tem interesses divergentes e aí está a própria contradição.



Quanto à concepção de Freire a respeito da dialogicidade, trazemos um trecho de sua obra: “[...] onde quer que estejam estes oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com a sua causa. A causa da sua libertação” (FREIRE, 2005, p. 92). Aqui nos defrontamos com o autêntico existencialismo cristão, tendo como base a teologia da libertação, como advertiu Saviani (2013).

Ao explicar a situação do homem agindo no mundo diferentemente dos animais, ele dialoga com o pensamento de Karl Marx quando este, em seus Manuscritos Econômicos-Filosóficos, sustenta que o produto do animal pertence “diretamente aos seus corpos físicos, enquanto o homem é livre frente ao seu produto” (FREIRE, 2005, p. 106). Para o autor, o homem age como ser transformador e criador.

É como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções (FREIRE, 2005, p. 106).

Estes fragmentos demonstram o princípio basilar sobre o conceito de modo de produção nos aspectos filosóficos, históricos, econômicos e político-sociais sobre as condições históricas de produção da existência humana e tal pressuposto é ancorado na assertiva de Marx (2013, p.255):

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza [...]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e perna, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza.

Cabe observar que Marx coloca o trabalho como fundamental na formação humana, por meio da relação ativa entre o homem, a natureza e o meio social. Este ponto é importante para a compreensão do pensamento Marxiano, para quem, segundo Lukács (2012), o trabalho se apresenta em uma dupla transformação:



Por um lado, o próprio ser humano que trabalha é transformado por seu trabalho [...]. Por outro lado, os objetos e as forças da natureza são transformados em meios ao trabalho, em objetos de trabalho [...]. Os objetos naturais, todavia, continuam a ser em si o que eram por natureza [...] (LUKÁCS, 2012, p. 286).

Deste modo, cumpre assinalar que Freire se apropria de alguns conceitos marxistas para explicar alguns aspectos da relação homem-mundo, mas isso não significa que ele tenha aderido ao marxismo. Por sinal, seu entendimento sobre a pessoa humana como um ser de relações que afirma sua própria existência, construída historicamente em comunhão com outros homens (SAVIANI, 2021), tal como expõe sua ontologia do ser social, “esbarrava numa realidade social que a contradizia, já que às forças dominantes interessava manter a maioria dos homens em situação de alienação e dominação” (SAVIANI, 2021, p. 5), ou melhor, opressor e oprimido.

[...] o termo consciência é meio para desvelar a realidade, sua superação enquanto sujeitos envolvidos na relação 'opressor-oprimido', não antagônicos, todavia não iguais: o oprimido hospeda o opressor, mas o opressor não hospeda o oprimido. Porém, só a conscientização (a tomada de consciência da contradição) dos homens não é suficiente para gerar a libertação; mesmo assim, sem ela, o seu vislumbrar é impossível. É preciso uma postura de radical exigência (inserção crítica), para que o processo educativo de desvelar a realidade seja feito com os homens em comunhão de diálogo e humildade, paciência, profundo respeito aos seus saberes e conhecimentos de mundo (CARDOZO; CUNHA; COELHO, 2017, p. 10).

Vê-se, então, que “a elaboração da Pedagogia do Oprimido permanece sendo a filosofia personalista na versão política do solidarismo cristão. Assim, a libertação ocorre no âmbito da ideia, da consciência, do conceito; na vida real, de fato, mantém-se a escravidão” (SAVIANI, 2021, p. 10).

O existencialismo cristão, marca que fundamenta grande parte de sua obra, nos convida a sermos homens livres, libertos das amarras da opressão; mas, para isso, o oprimido precisa se conscientizar como sujeito da ação homem-mundo mitificada pela elite dominante, como Freire se refere, para visualizar a realidade opressora que o faz oprimido, compreendendo o



porquê e o como de sua adesão a uma realidade que lhe dá um conhecimento falso de si mesmo e dela.

Objetivando a ação dialógica, Freire nos mostra que se faz necessária uma ação *dialógico-libertadora*, o que significa uma união dos oprimidos. “Não importa os níveis reais em que se encontrem como oprimidos, implica também, indiscutivelmente, consciência de classe” (FREIRE, 2005, p. 200). Para Freire a ação da cultura dialógica deve superar as contradições antagônicas de que resulte a libertação dos homens (FREIRE, 2005).

Assim como Saviani (2013), procuramos deixar claro que reconhecemos a importância social, política e pedagógica de Paulo Freire para a educação brasileira, em prol da classe trabalhadora, tendo sua obra considerada de esquerda contra a classe dominante. O nosso intuito foi apenas mostrar as marcas das diferenças entre o existencialismo e o marxismo e que é impossível combiná-los, mesmo que seu objetivo seja o diálogo entre as teorias e com outras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a produção deste ensaio, tomamos como referência apenas o livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, não o conjunto de obras por ele produzidas. O ensaio teve o intuito de mostrar a diferença entre as correntes filosóficas Existencialismo e Marxismo, e buscamos evidenciar a atenção que os pesquisadores devem ter ao utilizar a teoria freireana tendo em vista que deve haver o cuidado de não aproximar, ou complementar, estas duas correntes porque o ponto de partida e de chegada das bases que fundamentam as duas matrizes filosóficas não serão os mesmos e, no máximo, pode-se cair no ecletismo e/ou na incoerência teórica.

Importa considerar que Paulo Freire não precisa ser marxista para ser revolucionário ao pensar a formação do ser humano de apropriação de valores mais elevados da humanidade e fazer com que a educação ultrapasse a visão minimalista. O maior ensinamento que podemos ter do conjunto das obras de Freire, e é o mais necessário na atualidade, é a falta de falarmos do amor, do diálogo, da humildade, da solidariedade, de



construirmos nossa historicidade em comunhão com os outros homens. Ele falava da humanização dos homens e mulheres e, através de sua simplicidade, apresentava seus conceitos “por meio de uma terminologia composta por pares antitéticos, esclarecendo, assim, a situação da sociedade brasileira, que transitava de uma condição para outra” (SAVIANI, 2021, p. 4).

Para além destas questões, procuramos responder à pergunta básica problematizadora deste ensaio, a saber: Qual a matriz teórica que sustenta a obra *Pedagogia do Oprimido* e qual a relevância do marxismo nesta obra? Nossos estudos apontam que a base que fundamenta esta obra é o existencialismo cristão, pois Freire não fere os seus princípios basilares que sustentam sua visão de sociedade e de educação. O que ele se propôs a fazer foi justamente o que sempre pregava, ou seja, o diálogo entre os diferentes, as diferentes visões, rechaçando os sectarismos e o não diálogo, mesmo correndo o risco de discordarem dele, tanto os existencialistas cristãos quanto os marxistas que, para ele, representam uma radicalização irracional. Ao contrário de tudo isso, para ele era uma forma de radicalizar sim! Uma radicalização do revolucionário, do racional que visa à unidade dialética, que gera um pensar para além das caixas que aprisionam o pensamento, um pensar certo sobre a realidade para transformá-la e no qual todos precisam dialogar.

Também mostramos, com base em Saviani (2013), que embora Freire tenha abordado, ou incorporado sua visão teórica ao marxismo, isso não significa que ele tenha adotado esta corrente em sua obra e que, na verdade é possível verificar a matriz hegeliana no corpo de seu texto, especialmente quando se trata da dialética, que é bem diferente da dialética marxista.

Por outro lado, ao adotarmos nas nossas pesquisas a perspectiva de proximidade, complementaridade, corre-se o risco de cairmos no ecletismo, pois estas duas correntes filosóficas, existencialistas e marxistas, são impossíveis de serem combinadas num mesmo pensamento, como adverte Schaff (1965), podendo reforçar o agnosticismo histórico, o que pode



contribuir para o obscurecimento e a incompreensão da realidade concreta.

Finalizamos dizendo que esta é uma obra que tem profundas marcas no existencialismo cristão, com conotação da Teologia da Libertação, mas que não desmerece, em momento nenhum, a importância de sua obra para a educação brasileira e internacional.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, W. V. O Materialismo Histórico. In: REZENDE, A. **Curso de Filosofia:** para alunos dos cursos de segundo grau e de graduação. 14 ed. RJ: Jorge Zahar, 2008.

BRUNI, J. C. Apresentação do tradutor. In: LUKÁCS, G. **Existencialismo ou Marxismo?** SP: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

CARDOZO, S. M. da S.; CUNHA, A. L. S. C.; COELHO, E. P. Uma abordagem inicial sobre Paulo Freire e o existencialismo cristão. **Contemporâneos – Revista Artes e Humanidades**, nº 15, nov/maio, 2017. Disponível em: <<https://revistacontemporaneos.com.br/uma-abordagem-inicial-sobre-paulo-freire-e-o-existencialismo-cristao/>>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FIORI, E. M. Aprender a dizer a sua palavra (Prefácio). In: FIORI, E. M. **Pedagogia do Oprimido**. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

KARL, M. **O Capital I**. SP: Ed. Nova Cultural, 1996.

KARL, M. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2.ed.- São Paulo: Expressão Popular, 2008.

KARL, M. **O capital:** a crítica da economia política: Livro 1: o processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, G. **Existencialismo ou Marxismo?** SP: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MOUNIER, E. Introdução aos existencialismos. In: ZILLES, U. **Gabriel Marcel e o Existencialismo**. Porto Alegre: Acadêmica/PUC, 1988.

NETTO, J. P. **O que é marxismo**. 4ª ed. SP: Ed. Brasiliense, 1987.



PAIVA, P. V. **Existencialismo Cristão e Culturalismo**: sua presença na obra de Freire. RJ: Revista Síntese, nº 16, v.VI, maio-agosto, 1979.

PENHA, J. **O que é existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2014. (Coleção primeiros passos; 61).

SANTANA, O. A.; SOUZA, S. C. de. Pedagogia do oprimido como referência: 50 anos de dados geohistóricos (1968-2017) e o perfil de seu leitor. **Revista História da Educação** (Online), 2019, v. 23. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/heduc/v23/2236-3459-heduc-23-e83528.pdf>>. Acesso em: 04 maio 2021.

SARTRE, J. **O existencialismo é um humanismo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 2014.

SARTRE, J. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. 20 ed. Rj: Ed. Vozes, 2011.

SAVIANI, D. Teorias pedagógicas contra-hegemônicas no Brasil. **Ideação**: Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste - Campus de Foz do Iguaçu, v. 10, n. 2, 2º sem. de 2008.

SAVIANI, D. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, D. Escola e democracia: para além da “teoria da curvatura da vara”. **Revista Germinal**: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 5, n. 2, p. 227-239, dez. 2013b.

SAVIANI, D. Paulo Freire, Centésimo ano: Mais que um método. Uma concepção crítica de Educação. **Educação & Sociedade** (online). 2021, v. 42. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/ES.254988>>. Epub 08 Nov 2021. ISSN 1678-4626. Doi: <https://doi.org/10.1590/ES.254988>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, F. L. Sartre: **O Existencialismo é um Humanismo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ct1FfOGvBkY>. Publicado dia 24 de março de 2013. Acesso em: 12 out. 2015.

SCHAFF, A. **Marxismo e Existencialismo**. RJ: Ed Zahar, 1965.

ZILLES, U. **Gabriel Marcel e o Existencialismo**. Porto Alegre: Acadêmica/PUC, 1988.

Recebido em: 15 de março de 2022.

Aprovado em: 18 de abril de 2022.

Publicado em: 21 de abril de 2022.

